



**9º Encontro Internacional de Política Social**  
**16º Encontro Nacional de Política Social**  
Tema: A Política Social na Crise Sanitária revelando Outras Crises  
Vitória (ES, Brasil), 13 a 15 de junho de 2023

Eixo: Democracia, participação e movimentos sociais.

**Juventudes na Política: credibilidade política das juventudes nas mídias sociais**

**Ariane Cristine Reis<sup>1</sup>**

**Carolina Pratali<sup>2</sup>**

**Julye Anne Voazin<sup>3</sup>**

**Taís Ferreira<sup>4</sup>**

**Resumo:** O presente trabalho traz, a partir de uma pesquisa bibliográfica e quali-quantitativa, uma análise da credibilidade dos jovens no âmbito político, dando destaque à validação deste grupo nas redes sociais, também apontando a importância dessa ferramenta como um veículo de manifestação política de tal categoria. O trabalho tem por objetivo ratificar a necessidade do reconhecimento do papel desempenhado pelas juventudes nos movimentos políticos que aconteceram e acontecem, gerando transformações sociais. Além de levantar a problemática acerca da limitação da juventude no espaço político, dado que, somente pelas redes é que sua opinião consegue ser livremente expressada e minimamente disseminada.

**Palavras-chave:** Participação política. Redes sociais. Reconhecimento político. Manifestação política.

**Youths in Politics: the Credibility of Youths in Social Media**

**Abstract:** The present work brings, from a bibliographical and quali-quantitative research, an analysis of the credibility of young people in the political scope, highlighting the validation of this group in social networks, also pointing out the importance of this tool as a vehicle of political manifestation of such category. The work aims to ratify the need to recognize the role played by youth in political movements that happened and happen, generating social transformations. In addition to raising the problem about the limitation of youth in the political space, given that, only through the networks is that their opinion can be freely expressed and minimally disseminated.

**Keywords:** Political participation. Social media. Political recognition. Political manifestation.

**1.1. Introdução**

Dentre os estereótipos designados às juventudes ao longo das décadas, a rebeldia é o elemento comum que mais se destaca, sendo uma das características frequentemente apontadas ao se tratar desse grupo, de acordo com as leituras sobre o tema. O ato de ser rebelde engloba inúmeros aspectos e, em sua concepção, significa opor-se a algo. Desta

<sup>1</sup> Graduanda em Serviço Social na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). E-mail: cristineariane@ufrj.br.

<sup>2</sup> Graduanda em Serviço Social na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). E-mail: carolinapratali@ufrj.br.

<sup>3</sup> Graduanda em Serviço Social na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). E-mail: juhulye@gmail.com.

<sup>4</sup> Graduanda em Serviço Social na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). E-mail: taisf@ufrj.br.

forma, ao voltar o olhar para a juventude, essa ação se dirige às personificações de autoridade que estão ao seu entorno, ou seja, pais, professores e Estado. Por esse motivo, muitas vezes, os movimentos políticos criados por jovens são descredibilizados e diminuídos, sendo vistos de forma rasa como apenas uma expressão de rebeldia, apesar de historicamente originarem grandes mudanças a partir de suas reivindicações (ABRAMO, 2014).

Assim, essa desvalorização se mantém em relação às políticas públicas. Essas, conquistadas através dos movimentos de pressão sobre os espaços e entidades governamentais, deixam clara a falta de legitimidade da juventude perante a sociedade na medida em que são efetivadas a partir de ações verticalizadas, que nem sempre entendem estes indivíduos em sua pluralidade, além de não aceitá-los como sujeitos sociais. O que se garante, de fato, são políticas compensatórias - na saúde e na justiça -, fator que limita o jovem e suas demandas. Por mais que seja vista como uma etapa problemática, é necessário compreender essas juventudes como agentes do desenvolvimento, visto que a sociedade ainda não reconhece a potencialidade do jovem, principalmente na política (ABRAMO, 2014).

Como forma de externar suas ideias, opiniões e tudo aquilo que foi e é negado pela sociedade, as juventudes das últimas décadas vêm utilizando como instrumento as mídias sociais. Por conta do avanço tecnológico e do surgimento das redes sociais, criaram-se novas formas de se relacionar, novas possibilidades de interação e, o mais importante no que tange esta pesquisa, um novo meio de compartilhar ideias sem que seja necessária a validação do outro. Isso porque, ao enxergar essa ambiguidade entre a rebeldia e a repressão nas juventudes se questiona sua participação no espaço político — até que ponto o grupo é incisivo e de que forma ele é inviabilizado? Tendo isso em vista, o seguinte trabalho tem como objetivo analisar a credibilidade política das juventudes observando as mídias sociais, visto que é o canal pelo qual este grupo mais se expressa. Desta maneira, a pesquisa se justifica na ideia de ressaltar a importância do jovem como sujeito político e de direitos frente à sociedade, e esse estudo visa legitimar tal característica. Além de que, incute na sua escrita a carência de discussão sobre essa temática no espaço acadêmico.

Quanto à estrutura, a pesquisa busca conceituar o desenvolvimento político dessas juventudes, para isso, sua metodologia é fundamentada em três etapas. A primeira é composta pelo levantamento bibliográfico, então, se objetiva conhecer a visão já

construída sobre os jovens como sujeito político e de direito, por meio da contextualização sócio-histórica. Em seguida, na segunda etapa, é feito um diagnóstico das mídias sociais como instrumento político a partir de uma análise de conteúdo de duas páginas da internet de caráter político existentes nas redes sociais, sendo elas “Quebrando o Tabu” e “Mídia N.I.N.J.A”, onde foram ilustradas as discussões fomentadas pelos jovens na internet dando destaque à completude de sua expressão. Por fim, a última etapa se apresenta com a análise de uma pesquisa quantitativa feita pela plataforma *Google Forms* que buscou entender a participação política das juventudes no espaço virtual e real de acordo com os instrumentos disponíveis para a expressão de seu posicionamento acerca do cenário político.

## **2. Juventude política e as mídias sociais como um instrumento de luta**

Diferentes textos e artigos como os de Abramo (1997) e Novaes (2007) apontam a relação dos jovens com a política, especialmente desde os anos 1930, destacando as diversas mudanças de comportamento da juventude de cada época, mas, ainda assim, deixando evidente que esta não é uma relação recente. Apesar da análise histórica, tais documentos trazem a temática “jovens e política” a partir da visão adultocêntrica e, ainda hoje, independente de como as juventudes estejam posicionadas neste aspecto, as impressões sobre a participação política juvenil se dão de forma diferenciada pelos adultos — forma essa que se caracteriza pela descredibilidade e desvalorização, sendo então difundida e assimilada pela sociedade.

Para chegar à forma como as juventudes são vistas atualmente, é imprescindível dar destaque à juventude dos anos 60, já que é a partir dela que os jovens obtêm uma maior visibilidade e, além disso, é a partir dela que também observamos a dualidade na forma como os jovens são percebidos pelos adultos. Isso porque enquanto alguns enxergam nos movimentos juvenis a esperança de transformação — destacando aqui que, apesar da visão positiva, a mudança efetiva era entendida como utópica —, outros os colocam num lugar de incoerência, como se mais atrapalhasse uma mudança efetiva do que ajudasse. Outro ponto que vale mencionar é que somente depois do recesso dos movimentos dessa juventude é que esses jovens passam a ser vistos de forma positiva, difundindo assim a ideia de uma geração idealista, comprometida com a mudança social, inovadora e revolucionária (ABRAMO, 1997). É dentro dessa perspectiva que se concebe a juventude de 1960 como uma referência para as demais e, assim, a conduta

posta como “típica” dos jovens diante da política é a de questionamento e de luta (TOMIZAKI e DANILIAUSKAS, 2018).

Nos anos 80 e 90 as juventudes seguem sendo vistas como um problema para a sociedade e politicamente invalidadas no momento de seus atos, deixando evidente constantemente que por mais relevantes que sejam suas movimentações, estas são ditas como baderna ou sem sentido, pelo menos até que estes jovens já não estejam mais na mesma posição de luta (TOMIZAKI e DANILIAUSKAS, 2018). Desta forma, percebe-se que com o passar do tempo o olhar adulto acerca da participação dos jovens na política ou na discussão sobre esta temática seguiu sendo marcado pela crítica e pela desconfiança, tais que advém da ideia de que o jovem ainda não é um sujeito completo, mas alguém que está em uma fase de transição até que se alcance um amadurecimento e, assim, possa estar preparado para a vida política e, conseqüentemente, ser enxergado como sujeito político (ESTEVEZ e ABRAMOVAY, 2008). Mesmo com uma base histórica que evidencia o valor das juventudes e de suas movimentações no cenário político, ainda hoje este olhar pejorativo não mudou.

Um ponto importante a ser analisado é que, a juventude sempre se manifestou politicamente, apesar da crítica da sociedade em relação à participação dos jovens na política, há ainda uma expectativa de que eles façam parte de movimentos sociais - principalmente do movimento estudantil - para que possam enxergá-los como indivíduos ativamente políticos. Isso porque a partir da perspectiva tradicional

o contato do segmento jovem com a dimensão política da vida em sociedade e, seu eventual engajamento, acaba se dando de forma alternativa, em outros espaços, como grêmios, diretórios estaduais, partidos políticos ou grupos ligados a movimentos sociais aproximados.” (MAIA *et al*, 2011, p. 170).

Observa-se então que frequentemente essa ligação do jovem com o movimento estudantil se estabelece ao ingressar na universidade.

Apesar deste panorama, não se deve criar uma expectativa que a juventude política faça parte de movimentos sociais ligados à universidade, pois, além deste não ser um interesse unânime, não são todos os jovens que ingressam na universidade. Haja vista que:

Ao nos aproximarmos da juventude brasileira, percebemos que, se por um lado, muitos jovens não têm interesse em participar ativamente da política ou mesmo não demonstram simpatia pelo contexto político, por outro lado há jovens que reinventam modos de engajar-se politicamente, construindo e assumindo esferas de atuação através da arte, da tecnologia, do voluntariado, de implicações coletivas no dia a dia (MENDONÇA; CORREIO, D.; CORREIO, C., 2016, p. 89).

Assim, é preciso compreender que cada jovem possui uma realidade diferente, por isso “todos os jovens não participam da mesma maneira e não tem as mesmas expectativas de participação” (PLEYERS, 2012 *apud* MENDONÇA; CORREIO, D.; CORREIO, C., 2016, p. 90). A associação da participação política com um ambiente institucionalizado, por exemplo, se torna ultrapassada a partir do momento em que se entende que um pensamento crítico perante uma realidade imposta é também um posicionamento político.

Partindo da ideia de diferentes maneiras de participação política, muitos jovens tendem a criar espaços não institucionalizados para demonstrar seu envolvimento político. Um fator basilar para se pensar sobre novas formas de manifestação é a repressão policial sofrida pelos jovens nos movimentos que acontecem nas ruas, violência que ocorre, em sua exorbitante maioria, com jovens negros e periféricos. Sendo assim, surge, a partir do desejo de participação social ativa e consciente, a necessidade de um meio por onde se possa agir com maior segurança e voz ativa, de modo que haja menor burocratização e maior possibilidade de estruturar um “trabalho de base” horizontal, fazendo o oposto do Estado com seus métodos autoritários e hierárquicos de condução social. Como ferramenta para concluir esse objetivo, emerge a tecnologia da informação, que dá à juventude um maior alcance de mobilização, organização e monitoramento (MAIA, 2013) destruindo a verticalidade das informações e promovendo a participação ativa desses jovens (ELIAS, 2012, *apud* DIAS, DOULA e CARDOSO, 2016).

Pereira e Brito (2020) resgatando Amossy (2017) apontam que as redes sociais hoje são um meio para dialogar e difundir ideias tão potentes quanto as praças públicas no século XIX. Assim, torna-se nítido o valor desse instrumento para as juventudes que sofrem constantemente com a invalidação e a não consideração de seus ideais pelos demais membros da sociedade (AMOSSY, 2017 *apud* PEREIRA, BRITO; 2020). Dito isso, as mídias sociais surgem como um instrumento organizatório e têm um desenvolvimento crescente no sentido de mobilização e posicionamento político da juventude. Seguindo a mesma perspectiva, Maia (2013) se aproxima de Carlos (2012) e em consonância com o pensamento de Dias, Doula e Cardoso (2016) ao citar Novaes e Vital (2005), as redes conseguem alcançar e aproximar uma diversidade de jovens com interesses comuns, misturando de forma interessante o individual e o coletivo, atingindo

a concepção de juventudes plurais, mas também de ideais similares. Assim, essas estratégias de expressão dos jovens se apresentam não só como uma posição de enfrentamento à oposição, mas também de mobilização daqueles que se percebem afins, tendo uma base de “confiança e solidariedade”, e criando como objetivo, mas também consequência, uma alternativa para a conservadora e hierárquica política partidária e sindicalista utilizada tradicionalmente (MAIA, 2013).

### **3. Análise das mídias sociais: Quebrando o Tabu e Mídia N.I.N.J.A**

Para que se possa fazer uma reflexão acerca deste tema, façamos aqui uma análise de duas páginas do *Instagram* que tratam de assuntos políticos. A primeira se chama “Quebrando o Tabu” (2011) e sua origem não foi de base política, mas sim para divulgar o documentário de mesmo nome. O foco do filme estava em comparar a realidade periférica do Brasil da guerra às drogas na favela da Rocinha com o livre uso em Amsterdã, na Holanda e o debate em torno disso. Inicialmente, o perfil tinha 10 mil curtidas, mas é em 2013 que Guilherme M. assume a página e passa a fomentar debates dentro das redes sociais sobre feminismo, racismo e violência, ato que elevou o crescimento do perfil. (SAYURI, 2016). Se definindo como uma “empresa de mídia/notícias” na busca por um “mundo mais bem informado e menos careta”, a página se comunica, hoje, com os seus quase 11 milhões de seguidores, conforme citado por Sindorski, em 2020. E para que o conteúdo da página gerasse uma maiêutica no internauta, seu organizador contou com diversos colaboradores, como o pastor Henrique Vieira e o poeta Fábio Chap, porém, apesar de conversar muito bem com a esquerda, o perfil não segue o modelo de ativismo, mesmo que seu público o propague de tal forma (SAYURI, 2016).

Para o entendimento de como se dá a expressão dos jovens nesse veículo, há uma postagem falando sobre os feitos de Jair Bolsonaro, agora ex-presidente do Brasil, durante sua trajetória política. Dentre os 4.739 comentários, vale destacar o de uma jovem que se posiciona contra o governo utilizando a famosa *hashtag* com "forabolsonaro", e criticando seus apoiadores, que segundo ela querem "um país retrógrada" e, em resposta, recebe ataques que subjugam sua capacidade de dialogar acerca de tal assunto, com falas como "dá pra perceber que esse é o máximo que conseguiu aprender na vida!" e "já sabe o significado da palavra retrógrada? aparentemente não faz ideia". Tais ataques tornam notória a invalidação da opinião dos

jovens, utilizando o argumento baseado na propagação da lógica adultocêntrica de que o jovem ainda não está preparado para essas discussões.

Além disso, nessa mesma discussão, a jovem se declara cansada não só da discussão, mas também da repetição dos fatos e, por consequência, das postagens sobre o atual cenário político e seus desdobramentos, ela diz "já estou cansada de ler *posts* sobre isso" e ainda "sinceramente, estou cheia de discutir com bolsominon, não vou falar mais nada", e recebe uma resposta num tom de ironia, dizendo "calma, Bolsonaro vai ganhar e manter o país no caminho do crescimento", e por fim, a jovem reafirma "totalmente sem tempo agora para discutir com esse tipo de pessoa". Assim, o constante cansaço do jovem em tentar argumentar e se impor como sujeito político pode ser entendido como uma consequência da desvalorização da sua opinião política e um possível fator para uma futura diminuição dos debates de cunho político no *Instagram*.

Já a Mídia N.I.N.J.A. (2013) se caracteriza como “uma rede de comunicação livre que busca novas formas de produção e distribuição de informação” e seu nome é uma sigla da união de seus traços fundamentais, que são “narrativas independentes, jornalismo e ação” (MÍDIA N.I.N.J.A). Sua história se inicia nas manifestações de 2013, quando seus organizadores sentiram a necessidade de articular uma cobertura alternativa sobre o que acontecia nas ruas, pois acreditavam que a mídia tradicional promovia um jornalismo tendencioso escondendo diversos fatos. Assim, o propósito da rede é produzir uma comunicação democrática, que atinja o interesse público, mas que seja feito de forma transparente e, sobretudo, abrangente nas pautas identitárias. Sendo fortemente voltada para a juventude, afirma-se como uma plataforma de comunicação horizontal, seguindo a crença de que a comunicação democrática é um direito de todos e por isso deve ser colocado em prática (ALMEIDA, 2013).

Ao analisarmos um *post* sobre os candidatos à presidência do Brasil nas eleições de 2022, podemos identificar como se dá o posicionamento dos jovens nesse meio. O *post*, que gera uma breve discussão, traz a informação sobre a liderança de Lula nas pesquisas de intenção de voto do Datafolha - tendo 45% das respostas a seu favor -, e então um seguidor comenta que o próximo passo da campanha do Partido dos Trabalhadores deveria ser mirar nos eleitores de Ciro Gomes. Com isso, as respostas ao comentário - sejam elas em concordância ou contrárias, cabe pontuar - são feitas de maneira rígida e hostil, às vezes contendo xingamentos aos opositores, como "vermes petistas". Visto isso, cabe ressaltar o comentário onde um jovem escreve a seguinte frase:

“é complicado tentar explicar, eu não perco mais tempo”, o que traduz uma falta de disposição em se manifestar politicamente, dado o fato da falta de flexibilidade nas colocações.

Para além do cansaço agora mencionado, é possível perceber que a expressão política dos jovens nas mídias sociais tem apresentado outro fator limitante, sendo ele o medo de expressar seu posicionamento político em decorrência de um futuro “cancelamento” virtual ou mesmo de uma agressão física por parte de opositores. Em um comentário de outra publicação da página, uma pessoa diz "Eu voto Lula! Mas vou falar tenho medo de sair com foto dele, os Bolsominions estão mega violentos", em seguida mais pessoas expõem seu receio ao utilizar roupas ou acessórios que indicam seu apoio ao candidato do PT, como a fala "confesso que os olhares não são nada amistosos e já escutei algumas frases malcriadas" e dizendo preferir conter sua escolha política pelo fato de se sentirem coibidas pelos eleitores de Jair Bolsonaro, por isso alguém diz "nossa demonstração vai ser nas urnas", evidenciando a decisão forçada de não expor a escolha pelo candidato por medo da represália da oposição.

#### 4. O que dizem os jovens sobre o tema juventude na política?

De acordo com os dados recolhidos através do *Google forms*, as respostas foram sintetizadas de forma quantitativa e estão dispostas na tabela abaixo.

Tabela 1 - Formulário Juventude na Política

Perguntas	Respostas				
<b>Gênero</b>	33 mulheres	18 homens			
<b>Idade</b>	41 Jovem - jovem	6 Jovem -adulto	4 Jovem - adolescente		
<b>Raça e Etnia</b>	26 Branco	17 Preto	6 Pardo	2 Amarelo	
<b>Formação</b>	28 Ens. Médio	22 Ens. Superior	1 Ens. Superior Cursando		
<b>Conhecimento do Estatuto da Juventude</b>	22 Sim	29 Não			
<b>Noção Política</b>	35 Mídias Sociais	7 Jornais e revistas	4 Youtube	1 Podcasts	4 Outros
<b>Páginas da internet</b>	13 Quebrando tabu	14 Mídia Ninja	7 Ambos	17 Outros	
<b>Expressões como sujeito político</b>	Respostas qualitativas				
<b>Credibilidade política</b>	24 Sim	24 Não me posiciono por redes sociais	13 Não		
<b>Redes sociais instrumento político</b>	42 Sim	4 Não	5 outros		
<b>Reconhecimento político</b>	22 Sim	29 Não			

Embora a intenção da pesquisa seja almejar a pluralidade da juventude, o grupo atingido não produziu esse cenário. A amostragem das respostas relativas ao gênero dos participantes se quantificou em maior parte na participação política feminina com 64,7% das respostas, enquanto a masculina se resumiu a 35,3%. Quanto à idade, a pesquisa se refere à Política Nacional de Juventude, que descreve como jovem todo e qualquer cidadão na faixa etária de 15 a 29 anos, 80,4% das respostas são de jovens com 18 à 24 anos.

Ao ponderar o quesito Raça e Etnia, foi observada a diversidade dessa juventude, no entanto, recaiu sobre a mesma problemática de gênero, propiciando a ausência de participação indígena, e a baixa porcentagem de pessoas racializadas como no caso de pessoas amarelas e pardas. O recorte que pode ser feito sobre a maioria de brancos (51%)

na participação dessa pesquisa, não necessariamente reflete a carência do debate em espaços majoritariamente racionalizados, como se sabe estes grupos são bem ativos, e reivindicam seus direitos.

No que tange à formação, identificamos quase um empate entre estudantes do Ensino Médio (54,9%) e Ensino Superior (43,1%), espaços estes onde o debate político é bem presente. Esse dado fomenta o questionamento do conhecimento dos indivíduos sobre o cenário político em que vivem. Finalizando a etapa de identificação, podemos codificar os entrevistados em sua maioria como mulheres brancas jovens de 18 a 24 anos.

A maioria dos entrevistados (56,9%) declarou não conhecer o Estatuto da Juventude, até que para o que foi computado na pesquisa, é quase um grau de empate, contudo, aponta para a demanda de desconhecimento que o grupo tem sobre seus direitos. Quanto aos meios de comunicação utilizados para se informarem sobre assuntos políticos, destacam-se as mídias sociais com 68,6% das respostas, o que aponta diretamente para o argumento apresentado na revisão literária, tendo a internet como instrumento de manifestação política. Na segunda posição, ficaram jornais e revistas, e para além disso foram citados outros veículos classificados como mídias sociais, assim como podcasts, canais no Youtube, entre também meios mais acadêmicos como pesquisas e artigos científicos.

Sobre as páginas que utilizam para se informar politicamente, o resultado foi estabelecido com 39,2% de respostas para a página Quebrando o Tabu, e 43,1% responderam Mídia Ninja, outros 28% responderam outras páginas, desde jornais e revistas até digitais influencers. Nota-se que a maioria das páginas e sites mencionados pelos entrevistados se apresentam como ativistas de causas sociais. Porém, 6% dos entrevistados responderam que não seguem nenhuma página para se informar sobre tal assunto.

Em relação a como se expressam como sujeito político, 74,5% responderam que se expressam pelas redes sociais, confirmando que atualmente a internet é um espaço que os jovens se sentem mais livres para expor suas opiniões. Embora boa parte dos entrevistados tenham respondido que se expressam politicamente de alguma forma, 12% deles responderam que não costumam se posicionar sobre o assunto, entendendo assim, de acordo com a análise de Mesquita *et al* (2016), que não se pode generalizar, pois não

há um único tipo de juventude, então é preciso considerar que nem todos os jovens demonstram o mesmo interesse perante assuntos políticos

Com a confirmação de que a maioria dos entrevistados se expressam através das redes sociais, 47,1% afirmaram que sentem que sua opinião política possui credibilidade nesses espaços. Daí se analisa que as redes sociais são grande parte compostas por jovens e, por conta disso, sua opinião política está sendo acolhida de certa forma. Já 25,5% responderam que não e outros 27,5% disseram que não se posicionam politicamente através das redes sociais.

Outra questão foi se consideram as redes sociais um instrumento eficaz para que a juventude se caracterize como sujeito político e 82,4% das respostas afirmam a pergunta, isso inclui a discussão sobre os jovens serem o público mais ativo nas mídias sociais. Se observa essa preferência dos jovens pelas redes sociais por eles não serem compreendidos em outros espaços de cunho político, onde muitos desses ambientes ainda reproduzem discursos conservadores.

Embora se manifestem nesses espaços virtuais, a maioria dos participantes (56,9%) não se sente reconhecida como sujeito político. Essa questão obteve uma divisão considerável, onde 56,9% responderam que não e 43,1% responderam que sim. Em vista disso, é possível refletir que mesmo que muitos jovens se reconheçam como sujeito político, ainda se predomina o pensamento de que só é reconhecido como sujeito político aquele ligado à algum tipo de partido, fazendo com que o jovem, mesmo expondo politicamente sua opinião nas redes sociais, não consiga ainda enxergar sua manifestação como ato político (MENDONÇA; CORREIO, D.; CORREIO, C., 2016).

## **5. Conclusão**

Todos os dados aqui apresentados corroboram para a consolidação dos argumentos acerca da descredibilidade do jovem no âmbito político, não só pelo público adulto, mas pela própria classe que ao receber as negativas advindas do olhar adultocêntrico passam a não se reconhecer como sujeitos políticos. É a partir deste não reconhecimento dos próprios jovens sobre o seu potencial que surge a importância das redes sociais para a manifestação política deles, é por meio delas que muitos jovens (74% em nossa pesquisa) se manifestam e exercem seu direito de se expressar.

Um exemplo disso é o crescimento de 51,13% (TSE) de jovens de 16 a 17 anos aptos a votar nas eleições de 2022, um recorde deste grupo de eleitores que chama

atenção pelo fato do voto ser facultativo dentre essa faixa etária, ou seja, aumentou-se o interesse das juventudes em ocupar esses espaços políticos (Brasil de Fato). Foi possível observar a potência desses jovens e das mídias sociais, já que toda essa movimentação se iniciou com a semana do Jovem Eleitor, com a postagem de vídeos de celebridades, que tinha como objetivo promover a participação política dos jovens almejando uma mudança do atual quadro político do país. Como mostrado na reportagem da CUT, dados do *Twitter* mostram que, durante essa mobilização, foram publicadas quase 7 mil postagens de apoio à retirada do título de eleitor, alcançando quase 90 milhões de pessoas (CUT).

Apesar disso, vale ressaltar que, por mais que sejam plurais, as mídias sociais não garantem a igualdade e a acessibilidade dos jovens nos debates políticos, em realidade, só refletem a limitação desse grupo no espaço público porque, por mais que dêem voz à luta pelos direitos das juventudes, não é apenas por esse espaço que o jovem deveria ter abertura para se expressar. Como foi destacado, este é apenas mais um veículo para se viabilizar o exercício da cidadania destes indivíduos, porém não é o principal para que se tenham efetivas mudanças acerca das demandas, necessidades e princípios das juventudes, uma vez que as políticas públicas pensadas para jovens não são feitas por eles, isto em razão da falta de incentivo e, sobretudo, credibilidade, para ocuparem esse espaço.

Portanto, assim como se deve objetivar a atenção às causas das juventudes, necessita-se observar as ferramentas utilizadas por elas para defender suas temáticas e apontar seus ideais. A partir disso, deve-se ouvir verdadeiramente o que está sendo discutido nesse meio sempre trabalhando formas de atingir suas exigências e pontuações, para que assim seja feito o reconhecimento do jovem como um sujeito não só político, como também ativo, e, conseqüentemente, atingindo e ampliando a participação política desse público tanto em ambientes onde são pensadas, decididas e consumadas as ações voltadas para eles, como em execuções ampliadas para o cenário político em geral.

## 6. Referências

ABRAMO, Helena. **Estação juventude: conceitos fundamentais** – ponto de partida para uma reflexão sobre políticas públicas de juventude. Brasília: SNJ, 2014.

Disponível em:

<<https://www.ipea.gov.br/participacao/images/pdfs/participacao/politicas%20de%20juv%20tude1.pdf>>. Acesso em: 28 ago. 2022.

ABRAMO, Helena Wendel. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 05-06, p. 25-36, dez. 1997. Disponível em: <[http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-24781997000200004&lng=pt&nrm=iso](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24781997000200004&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 25 ago. 2022.

ALMEIDA, Camila Romana. **Mídia Ninja: os paradigmas do jornalismo postos em xeque**. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, Habilitação Jornalismo, 2013. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/4108/1/CA Almeida.pdf>. Acesso em: 6 set. 2022.

DIAS, D. L.; DOULA, S. M.; CARDOSO, P. O. PARTICIPAÇÃO POLÍTICA NAS REDES SOCIAIS: UM ESTUDO ENTRE JOVENS UNIVERSITÁRIOS. **Revista Sociais e Humanas**, [S. l.], v. 30, n. 1, 2016. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/sociaishumanas/article/view/24940>>. Acesso em: 10 set. 2022.

ESTEVES, Luiz Carlos Gil; ABRAMOVAY, Miriam. **Juventude, juventudes: pelos outros e por elas mesmas**. UNESCO Brasil, 2008.

MAIA, A. J. V., et al. **Juventude e política: observando a Ufba**. In: SAMPAIO, SMR., org. Observatório da vida estudantil: primeiros estudos [online]. Salvador: EDUFBA, 2011, pp. 169-186. ISBN 978-85- 232-1211-7. Disponível em: <[sampaio-9788523212117-10.pdf](http://sampaio-9788523212117-10.pdf) (scielo.org)>. Acesso em: 4 set. 2022.

MAIA, Gretha Leite. A JUVENTUDE E OS COLETIVOS: COMO SE ARTICULAM NOVAS FORMAS DE EXPRESSÃO POLÍTICA. **Revista Eletrônica do Curso de Direito UFSM**. 2013, v. 8, n.1. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/revistadireito/article/view/8630/pdf>>. Acesso em: 05 set. 2022.

MENDONÇA, Érika de Sousa; CORREIO, Douglas Bezerra Alves de Andrade; CORREIO, Camille Maria Bezerra de Holanda. Juventude (des)politizada? Ampliando perspectivas no olhar à participação política juvenil. **Rev. psicol. polít.**, São Paulo, v. 16, n. 35, p. 87-102, Abril 2016. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1519-549X2016000100006&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2016000100006&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 06 set. 2022.

MESQUITA, Marcos Ribeiro *et al.* Juventude e participação: compreensão de política, valores e práticas sociais. **Revista Psicologia e Sociedade**, Alagoas: UFAL, 2016, p. 288-297. Disponível em: <SciELO - Brasil - JUVENTUDES E PARTICIPAÇÃO: COMPREENSÃO DE POLÍTICA, VALORES E PRÁTICAS SOCIAIS  
JUVENTUDES E PARTICIPAÇÃO: COMPREENSÃO DE POLÍTICA, VALORES E PRÁTICAS SOCIAIS>. Acesso em: 11 set. 2022.

NOVAES, R. R. Políticas de juventude no Brasil: continuidades e rupturas. In: O. Fávero, M. P. Spósito, P. Carrano & R. R. Novaes (Orgs). **Juventude e contemporaneidade** (pp. 253-281). Brasília: UNESCO, MEC, ANPED, 2007a.

PEREIRA, Danielle Ketley de Sousa; BRITO, Mariza Angélica Paiva. **Interação polêmica nos comentários da página do facebook Quebrando o Tabu**. 2020. Disponível em:

<<http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/view/1849/726>>.

Acesso em: 28 ago. 2022.

**QUEM SOMOS.** Mídia NINJA. Disponível em: <<https://midianinja.org/quem-somos/>>. Acesso em: 6 set. 2022.

SAYURI, J. O quebrador de tabus. **Revista TRIP**, 2016. Disponível em: <<https://revistatrip.uol.com.br/trip/entrevista-com-guilherme-m-criador-da-fanpage-quebrando-tabu>>. Acesso em: 28 ago. 2022.

SINDERSKI, Rafaela Mazurechen. **Conversação política online sobre a redução da maioria penal: uma análise comparativa das fanpages Quebrando o Tabu, Movimento Brasil Livre e Senado Federal entre 2015 e 2018.** Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2020.

Tomizaki, Kimi; Daniliauskas, Marcelo. **A pesquisa sobre educação, juventude e política: reflexões e perspectivas.** Pro-Posições [online]. 2018, v. 29, n. 1, pp. 214-238. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1980-6248-2016-0126>>. Acesso em: 4 set. 2022.